



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

NINGUÉM SABE TUDO, NINGUÉM SABE NADA
EDNA CASTRO DE OLIVEIRA, EDUCADORA POPULAR:
uma história como tempo de possibilidades

Cláudia Borges Costa, Café com Paulo Freire Goiânia/GO¹

Dulce Angela Salviano da Silva, Café com Paulo Freire da RPE/RS²

Marinaide Freitas, Café com Paulo Freire Alagoas/AL³

Maria Teresinha Verle Kaefer, Café com Paulo Freire IFSC/SC⁴

RESUMO: A presente entrevista-diálogo traz o testemunho memorialístico da mulher, mãe, esposa, professora e alfabetizadora Edna Castro de Oliveira. Educadora popular e estudiosa em Paulo Freire, expressou a difícil trajetória vivida com esposo e filhos nos anos duros da ditadura militar. Em entrevista realizada pela Curadoria Internacional Café com Paulo Freire, com amorosidade, respeito e curiosidade epistemológica, nos contou como iniciou sua vida em parceria com o seu marido, Admarco Serafim de Oliveira, e como dividiu o amor aos filhos e o conhecimento com ele. Traz com uma coragem tamanha vividos na repressão, o autoexílio e a reaproximação com Paulo Freire, desde a sua dissertação ao convite para prefaciá-lo o livro *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*.

PALAVRAS-CHAVE: Testemunho. Paulo Freire. Alfabetização.

Iniciando o diálogo

A Revista Café com Paulo Freire tem se valido da seção denominada de *Ninguém sabe tudo, ninguém sabe nada* para entrevistar educadores e educadoras

¹ Professora aposentada da Rede Municipal de Educação de Goiânia, doutora em Educação pela Universidade de Brasília, militante do Fórum Goiano de EJA e membra do Café com Paulo Freire Goiânia/GO. E-mail: cbc2111@gmail.com

² Mestre em Avaliação de política social pela UFF, pedagoga e psicopedagoga pela UNESA e professora pelo IERJ. Possui mais de 30 anos de experiência em gestão pública e privada em projetos de educação nacionais e internacionais. Curadoria do Café Rede Pró-Educar- RS e integrante da Curadoria da Rede Internacional Café com Paulo Freire. E-mail: dulceangela16@outlook.com.

³ Professora da Universidade Federal de Alagoas, doutora em Linguística foi gestora de EJA na Secretaria Municipal de Maceió, militante do Fórum Alagoano de EJA, membra do Café com Paulo Freire em Alagoas/AL. E-mail: naide12@hotmail.com

⁴ Mestre e Especialista em Educação. Professora Aposentada da Rede Pública. Integrante da Curadoria da Rede Internacional Café com Paulo Freire. Educadora Popular. E-mail: mtksgb@gmail.com



populares, conhecidos/as ou não, especialmente as mulheres, **as** educadoras populares que, ainda hoje (2022), com toda a luta feminista no campo da Educação Popular, seguem à sombra. Quem acompanha a Revista e leu os três números anteriores pode perceber que priorizamos dialogar com as mulheres.

Agora chegou a vez de conversarmos, nesta entrevista-diálogo, com Edna Castro de Oliveira, referência para quem trabalha e luta em defesa da Educação Popular e, especialmente, na Educação de Pessoas Jovens e Adultos (EPJA). Edna também é reconhecida por ter sido escolhida por Paulo Freire para prefaciar *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (1996).

Edna, muito obrigado por ter aceitado dialogar com o Café com Paulo Freire.

Sabemos que aceitaste este convite, porque escrevestes no prefácio que estás “disponível à vida e aos seus chamamentos”. A proposta, mais que uma entrevista, é um diálogo. Então, quem é a Edna⁵?

Primeiro, agradeço esse convite lembrando que nos reencontramos, virtualmente, depois de tanto tempo em uma reunião preparatória à Confinteia VII – Conferência Internacional de Educação de Adultos VII.



Sou sempre muito tímida na maneira de me relacionar e de me colocar, mas quando provocada a assumir uma tarefa, deixo a timidez de lado e todos os “senões”, e assumo. Então, essa disponibilidade à vida e aos chamamentos que a vida nos traz é algo que eu sempre sou provocada a responder com muito prazer e com alegria.

Quero dizer que minha caminhada é marcada pelas minhas origens, pois não tem como você falar de você sem falar da sua gênese. Sou alguém que vem de um

⁵ **Edna Castro de Oliveira:** possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES - 1974), mestrado em Educação pela UFES em 1988, doutorado em Educação Brasileira pela Universidade Federal Fluminense (2005) e pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2017). Atualmente é professora associada da UFES, integra a linha de pesquisa Educação, Formação Humana e Políticas Públicas do PPGE/CE/UFES. Compõe a coordenação do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos do Centro de Educação da UFES. É membra fundadora do Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Espírito Santo, criado em 1998. Tem se dedicado à pesquisa na formação de educadores de jovens e adultos, interface com as seguintes áreas: alfabetização, educação do campo, educação profissional, políticas públicas e movimentos sociais. Dentre tantas autorias é autora do Prefácio de Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (1996)



território baiano, lá do Sertão da Bahia, do Oeste, quase divisa com Goiás, de uma família pobre, com dez irmãos biológicos (6 mulheres e 4 homens) e um irmão adotivo.

Alguém me perguntava como é que foi ter onze irmãos. Onze irmãos com quem se compartilha tudo e mais alguma coisa, com mais sete primos que também precisavam de acolhimento na nossa casa, pois estava sempre aberta. Cresci nesse espaço muito aconchegante.

Quem é o teu pai e quem é a tua mãe Edna?

Meu pai, Aldegundes Pereira de Castro; minha mãe, Fidelcina Nery de Castro, tiveram uma caminhada longa a dois, com muita saúde. Tenho uma boa genética, e quem me acompanha diz que vou viver muito tempo. Minha mãe nos deixou antes do meu pai, aos 89 anos; meu pai viveu até os 111 anos.

Ele sempre foi político na cidade. Naquele tempo, político não recebia para ser político, então eu digo que foi um “político genuíno”, no sentido do trabalho para o bem comum, na defesa daquilo que era de interesse do coletivo.

Ao mesmo tempo em que foi político, tinha também seu trabalho, no que se pode chamar hoje de empresa, cuja dona era uma senhora, que concentrava o poder econômico na cidade. A nossa região produzia muita rapadura e algodão, e exportava isso. Minha cidade fica às margens do Rio Corrente, que deságua no São Francisco. Meu pai trabalhou muitos anos nessa empresa como contador.

A gente vivia com muita carência. Eram onze filhos, e minha mãe, como “do lar”, sempre trabalhando, fazendo bolo e biscoito para vender. Meu pai, apesar de ter vivido 111 anos, carregou durante muito tempo uma doença que comprometeu muito a sua vida. Tornando-a muito limitada, fazendo tratamentos, e aquilo sobrecarregou muito a minha mãe.

E como é que a gente fazia para sobreviver? Os parentes que tinham seus filhos conosco, ajudavam trazendo o feijão e o arroz que produziam na roça para ajudar a manutenção. E foi assim que atravessamos esse período todo da infância até à adolescência.

Uma memória que fica quando a gente retorna à cidade, pois ao reencontrar as pessoas essas histórias sempre vêm à tona. Era o bolo de milho e de massa puba muito gostoso e que era vendido fresquinho; o doce de buriti, que a Cláudia deve conhecer porque é da região (GO). O nosso buriti ali do cerrado, e por aí vai, tem



muita história. Quando eu começo a falar disso eu posso me perder daquilo que vocês têm como foco!

Como era essa casa com 10 irmãos e mais sete primos?

Com tanta gente, nunca soube o que é ter uma cama para dormir sozinha, pois compartilhávamos para caber todo mundo. Então, em uma cama dormia três; outras, dois, dependendo do tamanho da cama. Lembro que eu dormia com Maria, que morou conosco durante muito tempo, até morrer, ajudante da minha mãe nas coisas de casa, na cozinha, e as tarefas de limpeza eram divididas entre nós.

Para dar conta do sustento, são memórias afetivas que me vem, por exemplo, o cuscuz de milho que era retirado do fubá no pilão. Todo dia de manhã tinha que socar o milho que ficava de molho ... não sei se vocês conhecem esse processo para tirar o fubá de milho -, hoje compramos esse *flocão* no supermercado, que não chega aos pés.

Meus filhos e netos aprenderam a comer o cuscuz, que todos gostam, pode ser com manteiga ou com leite, e que era o sustento do povo da roça. Para trabalhar na roça, cuscuz com leite de manhã segurava o período todo de trabalho antes do almoço.

Foi assim, dividíamos tudo mesmo, na carência. Como eu era criança, ainda muito pequena, lembro de pilar o milho, fazendo de conta que ajudava, porque a força era pouca, mas participava de alguma maneira. Vocês conhecem o fubá de arroz de pilão? É uma delícia também! Em nossa região o pessoal faz o bolo de arroz, que também é uma delícia, é vendido no mercado, ainda hoje. Toda vez que vou lá, compro e trago para congelar. Como aos poucos, porque é “sagrado”, vamos dizer assim.

Nessa Escola Popular tu fizeste o Ensino Fundamental?

Na época, a organização era da escola primária. Então eu fiz a escola primária de 5 anos. Para avançar na escolarização a opção era pela oferta do ginásio, assim se chamava na época, que passou a ser ofertado num colégio de padres, onde completei o ginásio. A Escola Popular não tinha mais o que ofertar.

Na Escola Popular trabalhei no Jardim de Infância e nos primeiro e segundo anos como educadora popular que vai ensinando aquilo que sabe fazer, aquilo que aprendeu.



Desde estas experiências surgiu minha vinculação com a Educação de Jovens e Adultos. Chegou o momento que não tinha mais o que fazer na cidade, então, parei de estudar, interrompendo aos 14 para 15 anos.

Essa região foi marcada pelo trabalho da Missão Presbiteriana Central do Brasil. A terra de Anísio Teixeira (Caetité) era a sede que liderava, na época as missões, e eram dois os espaços de formação: em Ponte Nova, (BA), o chamado Instituto Ponte Nova (BA); e no Colégio 2 de julho, em Salvador (BA), e lá faziam um movimento de identificação de demanda de estudantes, filhos dos membros das igrejas que eles pastoreavam, que precisavam estudar.

Como nós éramos 11, meu irmão mais velho foi um dos primeiros a ir para o Instituto Ponte Nova, depois do *exame de admissão*. Lá ele fez o Ginásio, e depois ficou sem estudar por 1 ano. Consegui retomar os estudos com o apoio da missão que lhe concedeu uma bolsa para o Colégio Dois de Julho, em Salvador, onde fez o Científico e, logo em seguida, acessou o curso de medicina na Federal da Bahia.

Minha irmã, a segunda, iniciou a *Escola Normal* no Colégio Dois de Julho, em Salvador, e concluiu no Instituto Ponte Nova; a terceira irmã foi para um outro espaço de formação da missão, também em Ponte Nova, o Grace Memorial Hospital, onde fez o curso de auxiliar de enfermagem. Foi a saída dela para este curso que apontou que eu poderia voltar à estudar, então, fiquei esperando a oportunidade de, em algum momento, ter a mesma chance, o que só aconteceu em 1969.

Conheci meu marido em final de 1967, como seminarista, quando estudante no Seminário Presbiteriano do Centenário, em Vitória, criado exatamente no contexto da ditadura militar. Por este seminário passaram os teólogos Rubem Alves, Joaquim Beato e alguns europeus como professores.

Admardo saiu de Vitória para fazer estágio em Caetité, no período em que não tínhamos boas estradas. Lembro que chovia muito, e que ele demorou 10 dias para chegar. Lá tinha o Reverendo Jaime Wright, que fez parte daquele projeto *Brasil: Nunca Mais*. No livro de mesmo nome⁶, compôs conselho que organizou a publicação.

Ao chegar, Jaime disse: “esperei você há dias atrás, mas como não chegavas, chamei outro seminarista, pois a igreja precisava muito. Você pode seguir em frente, tem mais igrejas, pode ir para Bom Jesus da Lapa ou Santa Maria da Vitória”.

⁶BRASIL: NUNCA MAIS é um publicação que contém a pesquisa sobre a tortura política no país, através de iniciativa do Conselho Mundial de Igrejas e da Arquidiocese de São Paulo..



Admardo pegou o ônibus e seguiu viagem. Em Bom Jesus da Lapa era uma congregação muito pequena, mas alguma coisa dizia para ele ir para Santa Maria e, ao chegar na minha cidade procurou meu pai, seu Aldegundes.

Tudo começou assim. Minha mãe mandou me chamar na igreja. Era véspera de Natal, eu estava organizando a programação, ensaiando com as crianças, pois sempre tive uma liderança com as crianças e com a juventude.

Fui para casa e encontrei com ele pela primeira vez. Sabe aquela ideia de *bater o olho* e dizer *amor à primeira vista*? Alguma coisa rolou, mas como ele tinha ido para trabalhar, e sempre dizia que não foi para namorar!

Ele se segurou até o último dia janeiro de 1968 para falar com meu pai que tinha interesse de pedir a minha mão em casamento. Isto foi entre final de dezembro 1967/1968, eu tinha 17 anos.

As coisas tomaram este rumo, quando, simultaneamente, tive a chance de sair de Santa Maria e para Ponte Nova para continuar estudando, mas naquele momento o Instituto estava em decadência. Mesmo assim, iniciei o Curso Normal em 1969.

Fui para Ponte Nova comprometida com ele. Nos casamos em 1970, no final de janeiro. Chegando em Vitória, onde fui morar, pude completar o *Normal*, pois a bolsa que eu tinha foi transferida para a capital.

Nunca mais parei de estudar, porque éramos companheiros. Ele sempre me apoiou e me disse para fazer o vestibular para Pedagogia, que acabei fazendo junto com minha irmã mais velha.

Tenho outras histórias do nosso processo de formação, porque Admardo, como seminarista, teve a possibilidade de ir para Nova York, para o Seminário Teológico Unido, onde teve aulas e, ao mesmo tempo, concluiu um curso que foi reconhecido como mestrado. No entanto, mais tarde, no Canadá, sua dissertação não foi aceita, então teve que complementar créditos de mestrado para dar conta das exigências no Canadá.

Edna, voltando um pouco no ano de 1979, como foi se casar aos dezenove anos?

Casar aos 19 anos sem nunca ter namorado com ninguém! Foi o primeiro amor da minha vida, o único. Na cidade do interior, um seminarista era *coisa rara*, então, quando chegava um, a *mulherada* toda ia para a igreja.



Admardo não saía lá de casa, uma casa sempre cheia. Quando ele chegou, meu pai disse assim: “é meu rapaz, nós não vamos poder ficar com você aqui não, porque a casa não tem mais lugar”.

Minha mãe dizia, e meu marido brincava e comentava que a sogra tinha sido sábia, pois ela falou: “Esse rapaz viajou esse tempo todo, chega aqui e nós vamos mandar ele de volta, sendo que nós estamos precisando? Vamos dar um jeito de arranjar algum lugar para ele ficar!”

Uma prima, que tinha um hotel, aquele *hotelzinho* de cidade pequena, com aquele café da manhã maravilhoso, que acolhia a todos. Meu pai conversou com ela e Admardo foi para aquele hotel.

E foi assim! Todos os dias ele saía de lá e se dirigia para minha casa. O pessoal dizia “*que seminarista esquisito, não vai na praça!*”. Começaram a desconfiar, mas nada indicava o que ele queria. Porém, na festa de despedida, veio falar comigo e entregou um *bilhetinho* com aquela frase conhecida de “O Pequeno Príncipe” - *tu te tornas responsável por tudo aquilo que cativas*. Assim fui abordada. Não tive outra alternativa e respondi *tudo bem!*

Depois de falar comigo, procurou meu pai para dizer-lhe que estava interessado em mim. Qual foi a reação de meu pai? Como nós éramos quatro filhas, meu pai perguntou “*qual delas*”. Eu era a negra da família. Meu pai falou de meus defeitos, entre aspas: “*ela é doentinha*”. Admardo respondeu: É ela mesma que eu estou falando. Foi deste jeito que assumimos compromisso. Casamo-nos sem nos conhecermos muito, nem à sua família.

Admardo esteve na minha cidade apenas naquele momento. Depois voltou para o casamento. Nos correspondíamos por carta, porque não tinha outra forma. O correio era uma *coisa de outro mundo* para chegar.

Quais são as relações da Edna com a Educação Popular?

Fico pensando nessa relação com a Educação Popular, no começo, bem no começo mesmo. Lembro que na universidade a gente faz um cadastro e responde à pergunta sobre qual foi a sua primeira escola. Tenho registrado a Escola Popular Oliveira Magalhães. Não era uma escola pública pelo Estado Bahia, mas era uma escola popular, assumida pela Dona Rosa, que deu seu sobrenome à escola, e que chegou na nossa região vinculada às missões protestantes. Escola essa que serviu a toda cidade – minha cidade é Santa Maria da Vitória, na Bahia.



Era uma escola que acolhia ricos e pobres, mas fundamentalmente os pobres, aqueles que não tinham realmente para onde ir. A escola acolheu muita gente por muito tempo, até que o Estado passou a assumir essa tarefa, tornando-a pública, mas continuou sendo uma escola voltada para os segmentos mais vulneráveis da cidade.

Hoje, a escola não existe mais. E sua razão de ser, voltada para o povo, foi corrompida pelo mau uso dos recursos, naqueles tempos das *vacas gordas*, cujas doações vinham do exterior.

Eu sou uma das pessoas que saiu daquele contexto, da experiência de ter frequentado uma Escola Popular, convivendo com uma diversidade de experiências que me fizeram refletir, mesmo que não tivesse muita consciência disso.

Pensar a minha relação com a Educação Popular e com Paulo Freire me remete a este começo de envolvimento com uma prática de educação que esteve voltada de maneira especial para atender às necessidades dos que mais precisavam de acesso ao conhecimento, valorizando suas experiências. Somente mais tarde que Paulo Freire atravessou a minha vida e, desde as primeiras leituras de seus escritos, me senti chamada a refletir sobre a minha maneira de ser e de estar no mundo e como lia os reais problemas que vivia o povo no nosso sertão, e no nosso país.

Edna, pode nos dizer em que momento descobriste Paulo Freire?

Não tem como falar do encontro com Paulo Freire sem falar do Admardo. Nos casamos em 1970, em plena ditadura militar. Admardo, como seminarista, também teve um momento difícil, pois veio de uma conversão de igrejas carismáticas, com mentalidade muito estranha, para a Teologia da Libertação, que era a marca do Seminário do Centenário. Isso foi fazendo com que ele mudasse seus pensamentos. Concluiu o curso, e como pastor não agradava a elite e o poder da Igreja Presbiteriana do Brasil, que *dava as cartas*.

No final das contas, porque é muito importante, trabalhou com a igreja do bairro de Andorinhas, que naquela época estava próximo da favela, das palafitas, por onde as pessoas que moravam nesse bairro passavam. A maneira dele fazer suas pregações foi o motivo para ter saído de lá com ordem da polícia.

Muito marcado pela Teologia da Libertação, despreendido daquelas ideias retrógradas, Paulo Freire passou a influenciar a maneira de pensar e agir, através de uma prática que o aproximava dos grupos populares que mais precisavam da nossa ajuda e acompanhamento.



Depois que foi expulso da igreja, nos afastamos um pouco, porque eu estava grávida da minha filha. No dia que ela nasceu recebemos a notícia que a polícia foi chamada para retirá-lo do púlpito da igreja. Isso aconteceu no dia 27 de outubro de 1974, num domingo.

Posteriormente, passamos a trilhar outros caminhos da fé Cristã, de forma encarnada, onde éramos chamados a trabalhar. Nesse contexto, descobrimos que Admardo foi fichado no Departamento de Ordem Política e Social – (DOPS) de Vitória, pela mediação de militares que se infiltraram em sua sala de aula para gravarem e denunciarem.

Não nos restava outra alternativa, a não ser nos prepararmos para sair do Brasil, em um exílio forçado. As nossas documentações estavam presas, mas meu pai interveio com Jarbas Passarinho, Ministro da Educação, pedindo para desengavetar a documentação, pois precisávamos sair do país. Saímos com o propósito de estudar Paulo Freire, que também era proibido de ser estudado no Brasil.

Fomos para o Canadá em 1977 com três filhos: Breno com 10 meses; Samuel, com 6 anos; e Patrícia, com 2 anos 10 meses. Meu encontro com Paulo Freire se deu no exterior, por meio do Admardo. Então, a partir de 1979 começamos a vasculhar onde o encontraríamos. Soubemos, então, que estaria nos Estados Unidos, em Ann Arbor, um campus da Universidade de Michigan.

Meu esposo o contactou e marcaram um encontro, ocasião em que aconteceu uma entrevista que fez parte da sua tese “Conscientização – teoria e prática de uma educação libertadora, uma compreensão filosófica da pedagogia de Paulo Freire”. Como não foi traduzida, alguns textos foram publicados em um livro que foi lançado em Vitória, durante o Simpósio Paulo Freire: a práxis político-pedagógica do educador, realizado de 4 a 6 de setembro de 1996.

Foi na mediação da entrevista na Universidade de Michigan em Ann Arbor que me encontrei pela primeira vez com Paulo Freire, indiretamente. Desde o momento deste encontro, passamos a assumir um compromisso ético e político com o pensamento, com a práxis, com tudo o que Paulo Freire nos ensinou a fazer na busca e no exercício permanente de trabalho com o povo.

Depois que retornamos do Canadá ao Brasil (1980) é que começaram as nossas andarilhagens por Vitória, pelo estado do Espírito Santo, para divulgar e estudar o que Paulo Freire tinha produzido até então e a contribuição do seu pensamento para a educação brasileira e para a educação de jovens e adultos.



Antes de voltarmos ao país, vivemos uma situação dramática: Admardo, depois de ter concluído sua tese, passou por uma cirurgia de emergência no Canadá, na véspera do nosso regresso [ao Brasil]. Ficamos mais 3 meses, de 15 de outubro, quando ele foi operado entre a vida e a morte, até às vésperas do Natal (dezembro de 1980).

Chegando em Vitória (ES), depois de sua recuperação, começamos a trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos, o que era um escândalo para o Departamento de Filosofia, já que não era compreensível que um professor de Filosofia se dedicasse à alfabetização de pessoas adultas, como se esta tarefa fosse algo menor. Passamos a incorporar princípios e práticas de Educação Popular juntos aos grupos periféricos da Grande Vitória e na formação de professoras/es do Estado. Desde então, não paramos mais!

Após voltarem ao Brasil, como vocês se reencontraram Paulo Freire?

Boa pergunta! No ano passado (2021), no contexto dos festejos do centenário de Paulo Freire, nossa seção sindical (Adufes – Associação dos Docentes da Universidade Federal do ES) nos pediu para realizarmos, em 23/08/21, uma *live* com o tema ‘Das andarilhagens com Paulo Freire: contribuições para pensar a práxis dos movimentos populares/sindicais’⁷, juntamente com Maria Margarida Machado (GO) e Maria Luiza Pinho Pereira (DF), companheiras dos Fóruns de EJA do Brasil.

Nós combinamos de falar sobre nossas andarilhagens e como que aconteceram nossos (re)encontros com ele. No caso de sua vinda até Vitória, foi em 1982, para um evento com o pessoal do Centro da Educação Física, organizado pela Mirtes Beviláqua (ES), ex-deputada constituinte, a primeira mulher deputada no nosso Estado, quando eu e Admardo o reencontramos.

Naquele encontro aconteceu uma coisa interessante: Admardo estava sentado bem à frente, e Paulo Freire disse publicamente que naquele auditório tinha alguém que conhecia a obra dele muito mais do que ele próprio. Aquela fala de Paulo Freire, por incrível que pareça, foi o caminho que se abriu para, na semana seguinte, ser convidado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação para assumir a disciplina de Filosofia da Educação.

⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1Z2qhokxscU>



Admardo, lógico, no Programa de Pós-Graduação, passou a fazer esse movimento de trazer Paulo Freire para a pauta, em qualquer lugar que ele fosse. Depois disso passamos a ter um trabalho intenso não apenas em Vitória, mas pelo Brasil a fora éramos chamados a trabalhar com grupos populares.

Lembro que uma das últimas vezes que Paulo Freire encontrou com Admardo, ainda lúcido, foi em São Paulo porque meu esposo teve que esperar por um transplante de fígado, mas não resistiu. Ele teve mais 15 anos de sobrevivência depois da cirurgia do Canadá, e morreu no mesmo 15 de outubro de 1995.

Foi durante o Simpósio Paulo Freire em Vitória, proposto para estudar o seu pensamento e lhe prestar homenagem em vida, o nosso último encontro com o mestre.

Paulo Freire esteve na sua banca como coorientador, certo? Como foi esta experiência?

Que bom que vocês perguntaram, por que sempre sou muito tímida para falar de mim mesma. Experimentar a presença de Paulo Freire como coorientador me incentivou demais. Fui para o mestrado e comecei a participar de um grupo de alfabetização com a minha orientadora, Euzi Rodrigues Moraes. Diga-se de passagem, meu primeiro projeto de Mestrado foi reprovado!

Eu queria estudar a linguagem das crianças das classes populares, mas não se tinha muita produção na área da sociologia da linguagem, então a banca disse que não tinha sustentação teórica suficiente, por isso não aprovou o projeto. Pensei em deixar o mestrado para não mexer mais com isso, porém, neste mesmo período já estava trabalhando naquele grupo de alfabetização.

Admardo assumiu a coordenação de um projeto em convênio com a Secretaria de Educação do Estado do ES, voltado para turmas de alfabetização em escolas da rede estadual, em bairros periféricos da grande Vitória. Como eu estava no grupo de alfabetização, me chamaram para ajudar no acompanhamento da área da Linguagem nas salas de aula.

Tínhamos a proposta pedagógica de Paulo Freire como referência, não repetíamos todos os passos da investigação temática, mas trabalhávamos com o levantamento das palavras geradoras e com os princípios do pensamento freiriano.

Fomos trabalhando a metodologia com os educandos/as e os/as professores/as, à medida que levantavam as palavras geradoras e traziam nos dias



da formação - nos demais dias acompanhávamos as salas de aula. Enquanto visitava as salas de aula, ao mesmo tempo estudava com o grupo a sociolinguística, que chegava, timidamente, ao Brasil. Minha orientadora tinha acabado de chegar da Europa com doutorado em sociolinguística.

Observando uma turma de mulheres, cuja professora trabalhava com a palavra geradora *Vitória*, e com as famílias silábicas, (este relato está na minha dissertação), uma jovem, empregada doméstica, se levantou, foi no quadro e escreveu uma frase. Aquilo foi tudo que eu precisava presenciar, foi o desencadeamento de tudo! Ela escreveu: “li gota de mim”.

Quando eu vi o que estava escrito no quadro, olhando para as palavras geradoras das famílias silábicas, *aquilo bateu em mim*. Espera aí, mas o que eu estou vendo aqui? Registrei, e no dia seguinte, no grupo de estudo, relatei o que vi, mostrei o que tinha registrado, e a minha orientadora disse: “*Porque que você não retoma o seu projeto de dissertação sobre alfabetização, nessa perspectiva que você constatou?*”? E fez outra provocação: “se Paulo Freire *topar* vir para sua banca, eu *topo* lhe orientar”.

Admardo telefonou para ele, explicou a situação e, por telefone mesmo, Paulo Freire disse “eu topo sim”!

Acabei escrevendo o projeto quando a dissertação já estava pronta (tive que fazer pró-forma). No percurso das orientações, estive com Paulo Freire diretamente em sua casa. De vez em quando eu ia São Paulo para lhe mostrar alguns exemplos de produção de escrita de educandos/as e para debater com ele o que aquelas produções significavam.

Na reta final da minha elaboração, num dos momentos de co-orientação, Paulo Freire me disse: “talvez você tenha problemas na sua defesa, menina”. Ele me disse isso no último encontro! Quando você escuta isso, o que passa na sua cabeça? Qual seria o problema? Isto me deu o alerta para organizar todos os dados e argumentos para a defesa da dissertação.

Os textos que trazia, e que eram discutidos com ele, apesar de não serem legíveis para o leitor, diretamente, além de indicar a condição de classe, tinham uma leitura de mundo ali presente que precisava ser valorizada pelos educadores. Passei a trabalhar com a epistemologia de Paulo Freire e com a psicolinguística de Emília Ferreiro, porque os dados da minha dissertação me levavam a ela, não porque eu quisesse, mas porque o percurso da pesquisa conduziu a isto.



Os estudos iniciais de Ferreiro também chegava ao Brasil naquele mesmo momento, trazendo suas contribuições. Então, minhas bases teóricas, associaram a sociolinguística e a psicolinguística à teoria do conhecimento de Paulo Freire. Posteriormente, Paulo Freire reconheceu estas aproximações, tanto em entrevistas como em textos escritos.

Eu tinha uma amiga muito próxima que conhecia todo o material que eu preparei para apresentar, mas não segui, porque aquilo estava dentro de mim. Ela colocava as *lâminas*, mas eu estava seguindo o meu *interior*.

Foi muito interessante, porque o nosso grupo de alfabetização tinha uma capilaridade pelo Estado, por isso, no dia da minha defesa, *baixou* o povo do estado no auditório do Centro de Educação. Quando Paulo Freire entrou ele disse: “isso está parecendo um comício”. Tinha gente em pé, gente sentada, gente para todos os lados. Eu que falo baixo, falei sem microfone. Uma colega que estava do meu lado disse que escutava o *tic-tac* do relógio. Me emocionei! Apresentei no tempo estipulado, no tempo que tinha que apresentar, então, na apreciação, esperava que ele (Paulo Freire) fosse me *detonar*, mas só fez, simplesmente, elogios. Não fez perguntas.

Não fizemos nenhum tipo de registro, fotos ou vídeo, mas lembro que ele disse o seguinte: “em todos os lugares por onde passei, e andei pelo mundo, esta foi a primeira vez que presenciei um trabalho que faz a críticas às minhas primeiras experiências de alfabetização”.

A única crítica que ele fez ao texto ao texto é quando eu digo que ele usa o termo “corruptela” (ele mesmo chama de “corruptela” a linguagem das classes populares), expliquei que não se trata de nenhum desrespeito, pois isso está escrito no meu trabalho.

Foi uma experiência muito tensa e intensa, porque o diálogo, essa ideia de exercitar o diálogo crítico, que aprendemos com ele, de dialogar com o próprio autor, e por não se tratar de qualquer autor, então imaginem a minha condição naquele momento da defesa.

Edna, você vai falando e nos encantando. Foram tantos os teus desafios, mas eles te motivaram. Por fim, conta para nós como se deu o convite para escreveres o prefácio de *Pedagogia da autonomia*.

Antes de falar sobre a *Pedagogia da autonomia*, quero registrar que até hoje (2022) o meu trabalho não foi publicado, mas eu sou cobrada. Osmar Fávero, nosso



mestre querido e orientador no doutorado, teve o trabalho de digitalizá-lo, e nós liberamos para o Fórum de EJA⁸. Ainda esperamos publicar, quem sabe pela Editora da Universidade Federal do Espírito Santos – EDUFES.

Gostaria muito que Osmar pudesse escrever algo, mesmo que fossem poucas palavras, para registrar meu reconhecimento pelo trabalho. Será preciso uma apresentação que atualize e justifique a publicação tanto tempo depois, mas, ao mesmo tempo, a pertinência de manter do jeito que foi produzido, como testemunho daquele momento histórico.

Minha pesquisa destoava de tudo, e eu me sentia arredia. Destoava e avançava, só que esse avanço ainda não consegui compartilhar para que mais pessoas tenham acesso. Esta é uma autocrítica que faço ainda hoje (2022). Lembro, por exemplo, que a tese da Tânia Moura (AL), tem uma referência forte da minha dissertação.

Sobre a escrita do prefácio da *Pedagogia da autonomia* recupero uma das últimas andarilhagens de Paulo Freire em Vitória, quando realizamos o I Simpósio Paulo Freire, para estudar seu pensamento e para prestar-lhe uma homenagem. Fiquei encarregada de convidá-lo, pois estávamos em São Paulo, mas no primeiro momento ele disse: “agora eu não posso, recomendado pelos médicos, mas você volta a falar comigo”. Fiz novo contato em 1994 e agendamos para 1996, no mês de setembro, feriado em Vitória, dias seis a oito, aniversário da cidade.

Foi um Simpósio Internacional. Para Osmar Fávero, foi o primeiro evento que Paulo Freire participou e discutiu, profundamente, seu pensamento, com debates muito à altura daquilo que havíamos planejado. A mesa que Paulo Freire participou foi mediada pela minha ex-orientadora, Euzi Rodrigues Moraes. Ele nos reconheceu e lembrou da minha apresentação no dia da *defesa*.

Foi no contexto do Simpósio, que ele me abordou para falar sobre a *Pedagogia da autonomia*. Como uma das coordenadoras do evento, cumprindo tarefas de apoio, em um dos intervalos, no cafezinho, ele chegou perto de mim e disse: “Edna, quero te fazer um convite. Estou escrevendo um livro para professores e professoras brasileiros/as, uma dívida que tenho com eles/elas. Quero que seja um livro que caiba no bolso, que todos possam comprar, ler em qualquer contexto, no ônibus, onde estiverem e puderem”.

⁸ www.forumeja.org.br



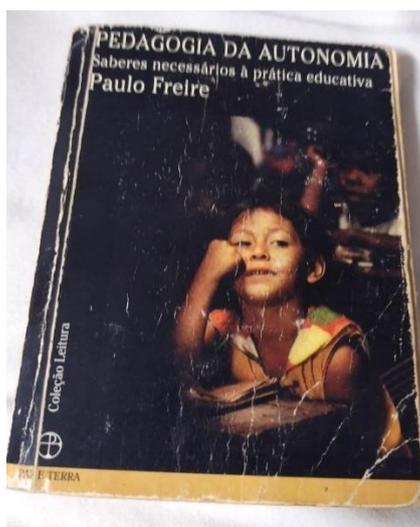
Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

Primeiro ele pediu que eu escrevesse a orelha do livro, como uma forma de homenagear a Admardo, uma espécie de reconhecimento. Disse a ele: “professor, vou pensar e lhe respondo amanhã”. No dia seguinte busquei-o no hotel e dei o *ok*: “o senhor pode mandar o livro para eu tentar fazer a tarefa que tem que ser feita”. Ele disse: “quanto mais cedo você escrever, melhor. Vou te mandar os originais. Você vai ser lida por pessoas no Brasil e no mundo lá fora”.

Passado um tempo, ele telefonou: “Edna, estou ligando, porque a editora não trabalha mais com orelha de livro. Você pode fazer um posfácio”. Concordei dizendo: “professor, nunca escrevi um posfácio, mas vou olhar tecnicamente do que trata”. Consultei o sentido do posfácio e escrevi o texto que está aqui (Edna nos mostrou o livro). O livrinho original, o primeiro, de papel jornal, com uma dedicatória, que está guardado.

Figura 1 – Capa do livro de Edna Oliveira, 1ª edição, 1996, em papel jornal.



Fonte: Acervo pessoal de Edna Oliveira.

Voltando um pouco no relato, nunca esqueço disso, no dia 30 de novembro de 1996 postei o posfácio no *correio*. Paulo Freire, ao recebê-lo, telefonou-me: “Edna, nós tivemos problemas aqui, pois minha filha (Fátima Freire) que iria escrever o prefácio, não poderá, porque está com problemas de saúde. Submeti às pessoas do Instituto Paulo Freire (SP), que deram uma olhada e todos gostaram. Decidimos transformar o seu posfácio em prefácio”. Foi assim que eu cheguei ao prefácio da *Pedagogia da autonomia*, entendeu gente?



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

Eu não sabia, não sabíamos, que este seria seu último livro (publicado em 1996), já que em 02 de maio de 1997 ele nos deixou. Isso faz com que eu lembre do que me disse: “quanto mais rápido você escrever, mais rápido o livro vai sair”.

Lamento muito que o livro como foi pensado tenha sido descaracterizado, pois o sonho dele era de um livro de papel jornal, um livro de bolso com preço baixo, que por muito tempo foi acessível, era isso que ele queria. Acho que por cinco anos o livro foi publicado como ele pensou.

Edna, estamos chegando ao final desta linda e importante conversa, deste reencontro contigo. Queremos te agradecer por este momento. Não temos palavras! É emocionante a forma com que você fala, como você se expressa, isso nos emociona muito, aos Cafés, que nos juntou. Isso é o Café com Paulo Freire!

Quando esta entrevista-diálogo chegar aos leitores e às leitoras, tua memória registrada de forma escrita, será emocionante. Conhecer a Edna, sua infância e adolescência, Edna estudante, militante, companheira e educadora popular; Edna pesquisadora homenageada pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), GT-18/Educação de pessoas jovens e adultas, na 40ª Reunião Nacional setembro-2021, que teve como tema “Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo”, recebeu esse título por essa grandiosidade,

Muito agradecida por essa tarde, valeu a pena.

Ouvindo você, lembramos de Conceição Evaristo, em Ponciá Vicêncio. Vamos ler um trechinho, para encerrarmos este reencontro, com a certeza de que você nos ajudou a construir a nossa história, história de educadores e educadoras populares que buscam construir uma sociedade diferente.

“Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar construir a história dos seus.” (2017 p. 110)

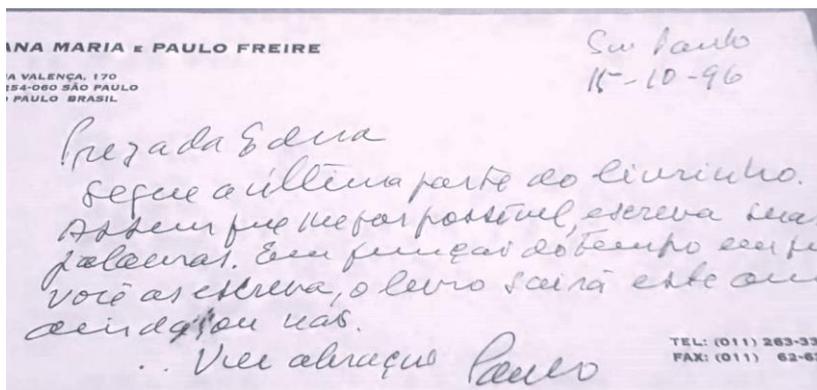
Edna finaliza: obrigada a vocês por essa tarde, muito bom encontrar vocês.



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

Figura 2 – Imagem do recado de Paulo Freire para Edna, 15/10/1996⁹



Legenda: Edna nos mostrou o livro original que ela tem guardado. O primeiro, impresso em papel jornal e com uma dedicatória. Fonte: Acervo pessoal de Edna Oliveira.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

⁹ De Paulo Freire, em 15/10/1996: Prezada Edna. Segue a última parte do livrinho. Assim que lhe for possível, escreva suas palavras. Em função do tempo, eu peço que você as escreva, o livro sairá ainda este ano, ou não. Um abraço. Paulo